

Leiturinhas fascinantes



Credy Botoni da Silva
Edileuza Rodrigues de Souza
Eva Aparecida Rodrigues Pereira
Josefa Maria de Araujo Santos
Joyce Caroline Morais Rosa
Lúcio Mussi Júnior
Marinete Xavier de Souza Pereira
Solange A. de Souza M. dos Santos
Vanessa Gonçalves Garcia



Leiturinhas fascinantes

Autores:

Credy Botoni da Silva
Edileuza Rodrigues de Souza
Eva Aparecida Rodrigues Pereira
Josefa Maria de Araujo Santos
Joyce Caroline Morais Rosa
Lúcio Mussi Júnior
Marinete Xavier de Souza Pereira
Solange Alves de Souza Marques dos Santos
Vanessa Gonçalves Garcia



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Editoração / Capa / Ilustração: Instituto Saber

GARCIA, Vanessa Gonçalves; MUSSI, Lúcio Júnior; PEREIRA, Eva Aparecida Rodrigues; PEREIRA, Marinete Xavier de Souza; ROSA, Joyce Caroline Moraes; SANTOS, Josefa Maria de Araujo; SANTOS, Solange Alves de Souza Marques dos; SILVA, Credy Botoni da; SOUZA, Edileuza Rodrigues de. Leituras fascinantes. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber, 2022.

32 p.

ISBN: 978-65-87333-37-3

1. Infantil I. Título

CDD – 028.5

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de ebooks das mais variadas linhas editoriais:
isciweb.com.br/livros



– Publicação de artigos científicos através de nossa Revista Científica
Digital Multidisciplinar: isciweb.com.br/revista



Conselho editorial

Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Júnior



Sumário

MIGUELITO O MELÔMANO.....	7
LUCAS E AS PIPAS	13
AS BRUXAS DAS ROSAS	21

MIGUELITO O MELÔMANO

Solange Alves de Souza Marques dos Santos

Edileuza Rodrigues de Souza

Josefa Maria de Araujo Santos

Joyce Caroline Morais Rosa

Credy Botoni da Silva



Certa vez havia um menino por nome de Miguelito, morava em uma colina verdejante,

que nasceu com algo diferente e pouco apreciado por muitos ao seu redor, o dom da música. Em tudo via harmonia, melodia e principalmente ritmos, pois vivia rodeado de pássaros no campo onde morava e isso ajudava-o a refletir e cada vez mais apreciar a música.

Um dia aconteceu um fato encantador, que despertou nele o verdadeiro dom de ser músico. Sua mãe tinha um instrumento musical em casa e o menino sempre a pedia para deixar mexer nele. A mãe, com medo de estragar, sempre negava. Mas, como o desejo era muito, um dia, de tanto insistir a mãe deixou mexer, e para sua surpresa, o menininho começou a dedilhar o teclado com uma facilidade sem antes vista!

Ela se admirou! Era como se ele tivesse aulas de músicas há muito tempo, mas na

verdade nunca fora, tão pouco morava perto da cidade, onde tinha conservatório musical.

Um belo dia surgiu o projeto na escola de música, ele ficou doido para participar, mas infelizmente na sua idade e de sua turma ainda não podia. Mas, de vez enquanto a professora de música deixava ele acompanhar outras turmas, pois era dono de uma afinidade invejável, ele via os instrumentos que os alunos tocavam e quando chegava em casa inventava um parecido, fazendo com material reciclado até mesmo com as colheres e caixas de papelão, dali fazia sair sons musicais perfeitos.

Então deixaram eles participarem e todos ficaram encantados com a facilidade e o dom que o pequeno tinha, realmente era melômano!

Miguelito achava o máximo poder fazer parte da fanfarra na escola, com maior orgulho de si mesmo tocava qualquer instrumento que lhe ofereciam, enquanto outros tinham muitas

dificuldades, era um dom sem igual que recebera de Deus, assim tocava com afinco e carinho.

A professora se encantou, pois o menino se tornou até seu ajudante, só de ouvir um toque já caía em seus ouvidos finos como se fosse uma brisa suave e doce.

Quando tinham dificuldades em alguns toques, os pequenos, seus colegas, rodeavam ele para saber como tocar e como fazia isso com tais habilidades incríveis.

Como nunca teve dificuldades em aprender novos toques ou novas músicas, era só pedir para ouvir que ele conseguia fazer igual ao pedido, e assim ele conseguiu realizar o sonho de participar dos projetos musicais da escola em que estudava, era destaque em tudo que fazia, e o fazia com dedicação e carinho nessa parte.

Ao passar os meses, para sua maior alegria, sua mãe o incentivou e comprou um instrumento musical. Quando ele avistou, seu coraçãozinho bateu forte, sua boca ficou do tamanho de um sapinho, arreganhada, seus olhos se encheram de lágrimas.

Ele ficou muito agradecido!

Com o passar dos dias, é claro, ele conseguiu tocá-lo também.

A música estava no sangue, na alma, a alegria de tocar era contagiante. Quando alguém parava para ver ficava todo cheio de orgulho de si mesmo. Na escola, recebeu o nome de instrutor, seu comportamento melhorou muito, pois antes de participar era um garotinho agitado, agora só recebe elogios de suas professoras, e de seus amiguinhos.

Que essa alegria e esse desejo continue sempre na vida desse garotinho!

LUCAS E AS PIPAS

Edileuza Rodrigues de Souza

Eva Aparecida Rodrigues Pereira

Marinete Xavier de Souza Pereira

Vanessa Gonçalves Garcia



Certa manhã o pequeno Lucas acordou com desejo de ir para o sítio de sua vó, então disse para sua mãe:

- Liga para minha vó que eu quero ir para o sítio.

Sua mãe o questionou:

- Mas ainda não é fim de semana, você tem que ir para escola estudar.

Lucas ficou um pouco chateado, mas entendeu que não poderia faltar às aulas, pois era muito importante para seu desenvolvimento.

Passando alguns dias, finalmente chegou o tão sonhado final de semana, sua mãe arrumou suas coisas e avisou a sua vó para ir buscá-lo. Lucas aguardava ansiosamente por aquele momento, sua mãe podia ver seu sorriso estampado em seu rosto, ele sabia que ao chegar no sítio da sua vó, ela o levaria para soltar pipas, sua grande paixão. Embora ainda muito pequeno ele já demonstrava a sua preferência por esta brincadeira, nada prendia

sua atenção como soltar pipas. Ele amava ver aquele céu azul e ao mesmo tempo colorido pelas pipas. Seu irmão Guilherme e seus dois primos se prendiam com jogos no celular, jogos com bolas, mas Lucas já sabia do que realmente gostava.

Quando ele menos imaginava, sua vó chegou. Ele mal conseguia parar de falar sobre as pipas que iria comprar e começou a disparar:

- Vou comprar uma pipa bem grande, uma pipa pequena e colorida, uma pipa raia, uma pipa com a rabeira grande...

Sua vó, vendo todo aquele entusiasmo do menino, perguntou:

- Mas para que tantas pipas?

E sem muito pensar, ele já foi logo falando:

- Preciso de muitas pipas porque algumas vão ser levadas embora.

Sua vó sem entender, perguntou:

- Por que elas seriam levadas embora?

Ele logo foi respondendo:

- Quando as pipas estão lá no céu, os meninos gostam de “torar” as pipas um dos outros e sair correndo para pegá-las ao cair no chão.

Sua vó, vendo sua alegria, disse a ele:

- Mas isso é legal? Lucas?

- Sim vó. – Começou o garoto. - É muito divertido. Nós gritamos, pulamos, corremos, para ver a onde caiu e quem consegue pegá-las.

No caminho para o sítio, sua vó ia lhe fazendo algumas perguntas, sobre como foi seu dia na escola, se já sabia escrever seu

nome, se já conseguia realizar suas tarefas da escola sozinho e do que mais gostava de comer na hora do lanche, qual sua brincadeira favorita para brincar na hora do intervalo... Lucas ia respondendo os questionamentos de sua vó, mas não deixava de falar nas pipas.

Na viagem, o menino não parava de perguntar se já estava chegando, pois, de sua casa até o sítio era um pouco longe.

De repente, sua vó fala:

- Chegamos!

Lucas, mais que depressa, já foi tirando sua mochila que estava com suas roupas e as sacolas com suas pipas, mas já era tarde. Lucas teria que esperar até no outro dia para soltar suas pipas, enquanto isso sua vó preparou um lanche bem gostoso para ele.

Depois de comer, o menino ainda continuou falando sobre suas pipas com sua vó, ela disse para ele:

- Vá brincar um pouco no balanço que seu vô fez para você com pneu.

Sem pensar duas vezes, Lucas correu e foi balançar, ele amava ficar em meio à natureza, ali se sentia livre.

Ao anoitecer, Lucas tomou banho, jantou e escovou os dentes para dormir, mas antes dele dormir sua vó fazia questão de contar muitas histórias para ele e depois pedia para contar uma história para ela. Assim foi até o menino adormecer.

No dia seguinte, Lucas acordou feliz da vida, pois sabia que seus avós o levariam para outro sítio para soltar as pipas, como de costume. Sua vó já tinha conversado com ele sobre isso, pois o sítio onde sua vó morava não

teria espaço com segurança, devido as redes elétricas das ruas que eram baixas, tornando-o um local perigoso para essa prática de brincadeira. Mas isso não era problema para seus avós, pois os mesmos não mediam esforços para ver o menino feliz.

Ao chegar no sítio, da amiga de sua vó, que ficava em um assentamento da Usina Pantanal, encontrou seus amigos soltando pipas. Logo interagiu e começou a soltar sua pipa também.

Lucas gritava seu avô para ver sua pipa no céu. Isso deixava-o muito feliz.

Passadas algumas horas, já começava a escurecer, Lucas teria que parar de soltar pipa e voltar para casa. Sua vó o chamava para ir embora e, com um olhar triste ele disse:

- Vó no outro final de semana a senhora me traz novamente?

Com um sorriso nos lábios, sua avó respondeu:

- Claro que o trarei Lucas.

Isso fez com que o menino fosse embora feliz com a certeza de que teria outros dias iguais aquele.

Assim terminou seu final de semana, com muita alegria e diversão!

AS BRUXAS DAS ROSAS

Tí Jú (Lúcio Mussi Júnior)



Em uma certa cidade, não sei exatamente o nome, havia uma rua bem comprida chamada Rua das Rosas, ia de um lado ao outro.

As pessoas mais antigas do lugar, contam que certa vez, nesta rua, por perto de onde até hoje existe uma grande e majestosa figueira, moraram três bruxas.

Não se assuste com isso! Nem todas as bruxas são más. Elas são como as demais pessoas que você encontra pela rua e, assim como existem pessoas más, pessoas boas e outras que são boas em algumas situações e más em outras, com as bruxas acontece a mesma coisa.

A história popular conta que essas três bruxas foram vizinhas na Rua das Rosas, suas casas eram encostadas uma na outra, vizinhas de cerca, como se dizia antigamente. Conta-se ainda que elas não eram más e que a maior maldade que faziam era se reunirem pelas manhãs para tomar café e falar mal da vizinhança. Não que falar mal dos outros deixe

de ser uma maldade, mas existem piores acontecendo por aí.

Voltando ao que interessa de fato, elas eram conhecidas como as Bruxas das Rosas. Não se sabe ao certo se era porque moravam na Rua das Rosas ou porque adoravam rosas. Isso mesmo, elas eram completamente loucas por rosas.

A primeira a se mudar para a rua foi a bruxa amarela, ela usava sua magia amarela para encher o quintal de rosas. Mas devido a cor de sua magia, só conseguia produzir rosas amarelas, embora pudesse fazer todos os tons de amarelo e todos os tamanhos de rosas que quisesse, desde as menores até as bem grandonas.

Depois chegou a bruxa vermelha e, adivinha! Com sua magia vermelha só consegue produzir rosas vermelhas. Em todos

os tons de vermelho, desde o rosa até o vinho, mas só nestes tons.

Por último mudou-se a bruxa azul. Sim, é isso mesmo! Ela só conseguia produzir rosas em tons de azul.

Um certo dia, enquanto tomavam café e futricavam a vida alheia, elas perceberam que, na varanda de uma das casas da frente, duas crianças brincavam com tinta guache. As crianças tinham três potes de tinta, cada um com uma das cores básicas: amarela, azul e vermelha. Tinham ainda alguns potinhos pequenos, nos quais misturavam porções diferentes de cada uma das três cores para criar outras cores.

Foi então que as bruxas entenderam que a partir da mistura das cores básicas era possível obter qualquer cor.

- Isso! – Gritou animadamente a bruxa amarela. – Vamos misturar nossas mágicas

coloridas. Juntas temos as três cores básicas e misturando nossas magias poderemos produzir rosas de todas as cores.

Dito e feito, começaram ali mesmo, naquele momento, na casa da bruxa amarela. Elas deram as mãos e a dona da casa coordenou o processo que fez surgirem belíssimas roseiras com rosas de todas as cores que ela sempre havia sonhado, por todo seu quintal. Parecia mágica!

Bom, na verdade, era mágica mesmo.

Então foram felizes para a casa da bruxa vermelha e, como era de costume, tomaram café coado pela dona da casa enquanto conversavam mais um pouco. Depois disso, mãos à obra. Agora foi a bruxa vermelha quem coordenou o processo, já que estavam na casa dela e, assim como aconteceu na casa da primeira bruxa, o quintal ficou tomado de rosas

coloridas, nas cores que a bruxa vermelha sempre quis.

Repetiram o processo na casa da bruxa azul, que também encheu seu quintal com rosas de suas cores favoritas.

Com essa descoberta simples, sobre a mistura das cores básicas, finalmente as bruxas puderam realizar os seus sonhos mais coloridos. Estavam radiantes! Eram as bruxas mais felizes da Rua das Rosas.

Bom, elas eram as únicas bruxas da rua, mas isso não diminuía a felicidade que sentiam.

Muitos anos se passaram, recheados de amizade, parceria e rosas multicoloridas.

Mas, para infelicidade das amigas, um dia a bruxa amarela precisou se mudar.

Muito frustrada, a bruxa azul resmungou:

- Não temos mais as três cores básicas! O que podia ser pior?

Ela perguntou e o destino... ou o acaso... ou seja lá o que for... respondeu.

Bom, não foi bem uma resposta, mas sabe-se lá por que razão a bruxa vermelha também teve que se mudar pouco tempo depois.

Sem a bruxa amarela, não poderiam ser feitos tons de amarelo, laranja e de verde. Mas a bruxa azul e a vermelha juntas, ainda poderiam fazer os tons de azul, vermelho e roxo. Mas, agora sozinha, a bruxa azul só teria rosas em tom de azul.

Nesse momento, ela percebeu o quanto somos complementares nessa vida e o fato de sermos diferentes uns dos outros é que faz o mundo funcionar. Fazemos bem algumas coisas e o que não conseguimos fazer, outros conseguem, desse jeito, todos juntos, fazemos tudo que precisa ser feito e que jamais seria possível se fossemos todos iguais.

Não sei se você entendeu a ideia, mas, no geral, cada um de nós é necessário para os outros e, ao mesmo tempo, precisamos dos outros também.

Sozinha, a bruxa azul começou a fazer contato com as outras vizinhas, ela puxava conversa, chamava para tomar café e ficava sondando, para ver se descobria outra bruxa nas redondezas, que estivesse se desfaçando de pessoa comum.

Bastaram algumas semanas de busca frenética para o desânimo tomar conta daquela criatura azul e solitária.

- Desisto! – Exclamou a bruxa azul. – Nessas redondezas sobraram apenas pessoas comuns. Não só comuns como medrosas e preconceituosas. Quem não foge de mim porque tem medo de bruxas, foge porque não gosta de nós.

Com isso, a bruxa azul foi, aos poucos, ficando triste e depressiva. Já não pegava mais a vassoura nem para varrer a casa, nem para voar em noite de lua cheia. O caldeirão já estava enferrujando, sem uso e ela passava a maior parte do tempo sentada em uma cadeira de balanço na varanda do andar de cima de seu sobrado, só olhando as pessoas passarem, cada qual cuidando de sua vida, na correria rotineira dos seres humanos normais.

- Se é que algum deles pode ser considerado normal! – Resmungou a bruxa enquanto coçava uma verruga na ponta de seu nariz.

Não que estivesse com coceira, estava tão triste que não sentia nada além de solidão, mas é que já havia se acostumado a coçar aquela verruga.

Era noite do dia 29 de outubro, quem contou a história não soube falar ao certo o

ano, mas nesse caso, o que importa realmente é o dia e o mês. Naquele momento, a bruxa pensou em ir dormir, mas também não sentia sono, nem vontade de se levantar da cadeira.

Foi então que o celular fez barulho e vibrou em seu bolso.

- Uma mensagem instantânea! – Se assustou. – Já faz muito tempo que não recebo nenhuma mensagem e nem ligações.

Era a bruxa amarela, tinha enviado uma mensagem de áudio.

- Querida amiga, tudo azul com você? Queria te dizer para acender o fogo embaixo do caldeirão e se preparar, porque eu e a bruxa vermelha vamos passar o Halloween com você. Juntas, nós três, vamos fazer as bruxarias mais coloridas da história.

A bruxa azul quase chorou de alegria, o Halloween, Dia das Bruxas, Dia do Saci, ou,

seja lá que nome mais tenha, é no dia 31 de outubro.

- Depois de amanhã! – Gritou já se levantando da cadeira e dando uma rizada de bruxa, daquelas que ecoam pela noite e podem ser ouvidas muito, muito longe.

As duas amigas chegaram na noite do dia 30, quase meia noite, faltando poucos minutos para o início do dia 31, voando em suas vassouras de piaçava. A primeira, foi a bruxa amarela, logo em seguida chegou a bruxa vermelha.

As três juntas trataram de fazer o maior número possível de rosas coloridas que coubessem no quintal e, em seguida saíram pela noite, voando em suas vassouras, fazendo todo o tipo de magia colorida. Só voltaram quando o sol começou a nascer.

Passaram o dia na casa da bruxa azul. Mas, à noite, na famosa noite do Dia das

Bruxas, fizeram a maior das festas. Bom, no estilo “bruxa” de festejar.

Foi então que as três combinaram que, independentemente do que acontecesse, a partir daquele dia, elas passariam todos os Dias das Bruxas juntas, matando a saudade e fazendo bruxarias coloridas.

ISBN 978-658733337-3



9 786587 333373